

DEUS: BURACO OU TAPA-BURACOS

PERE TORRAS

Sant Feliu de Guíxols, Catalunya, Espanha

“Nunca ninguém viu Deus.” Se é assim, podemos falar de “Deus”? Imaginemos a seguinte história:

Era uma vez, algumas pessoas que tinham nascido e vivido sempre em um grande espaço, fechado por todos os lados como uma imensa bola e onde tinham todo o necessário para viver e desenvolver-se. Não havia portas nem entrava lá nenhuma luz. Por isso aquelas pessoas davam como certo que seu mundo era o MUNDO TODO. Não tinham desenvolvido o sentido da vista, mas, sim, os demais sentidos.

Um dia, um deles alcançou a *parede limite* daquele espaço, e tocou em alguma coisa como uma pequena janela que podia ser aberta. Avisou todo o grupo, dizendo: *Toquem aqui! Não há nada!* Alguns, encompridando o braço, concordaram que realmente não tocavam em nada. Alguém disse: *Isto é um buraco, um vazio na parede, e pode ser perigoso. É melhor deixá-lo como está.* Outros, porém, pensavam que talvez aquele vazio pudesse ser como uma saída. Talvez existisse um “exterior”; talvez *seu* mundo não fosse o único que havia...

A *janela* ficou entreaberta e agora entrava luz. Por isso, depois de muito tempo, alguns começaram a desenvolver o sentido da visão: viam uma espécie de “mancha luminosa e confusa” no meio da escuridão geral, e conversavam a respeito.

Outros chamavam simplesmente de *alucinações* aquilo que podiam ver mais ou menos.

Com o passar do tempo alguns passaram a perceber melhor aquela luz, viam a forma que tinha, mas não sabiam se o que podiam ver, mas não tocar, era parte da parede limite ou vinha de fora, se é que existia “fora”.

Será que existia um mundo exterior? – perguntavam-se alguns.

Isso é impossível! Tudo o que é real se pode tocar.

Talvez o mundo de verdade esteja lá fora, e nós não disponhamos do sentido adequado para percebê-lo – diziam outros.

Aquele “vazio” foi motivo para muitas discussões e também brigas e divisões. Muitos lamentavam e denunciavam o grande “engano” gerado por *quatro iluminados*. Diziam: *Já temos bastantes problemas*

aqui para nos preocupar sobre se existem ou não outros mundos. Mas outros diziam: *Vocês não percebem? Talvez este nosso mundo não seja mais que uma prisão. Se existisse um mundo “exterior”, tudo ficaria diferente para nós!* Alguns queriam fechar o maldito buraco, outros queriam mantê-lo aberto, outros, ainda, fazer novos buracos...

Passado mais algum tempo, alguns descobriram que quando alguém passava por perto daquele “buraco” podia vê-lo. Eles e os objetos, quando passavam perto daquilo a que chamavam de “luz” de alguma maneira também se tornavam “luminosos”. Não sabiam que era a “luz”, mas a “luz” lhes permitia se *verem e verem* as coisas.

Os poderosos dentre eles quiseram tornar-se donos daquele buraco e, inclusive, queriam obrigar todos a passar ali por diante para controlá-los melhor.

Quanto problemas provocou aquele “buraco”! Mas também, segundo alguns, quantas possibilidades!

Não sabemos como acabou a história. Você, leitor, pode imaginar seu *final* ou seu *processo* sem final.

“Deus”: O que queremos dizer com esta palavra?

A palavra “Deus” poderia ser o nome que damos ao “buraco” que experimentamos em nossas vidas. Por pouco que pensemos nisso, experimentamos que nossa vida está *esburacada*. Do nosso lado, o percebemos como um *vazio*, embora não saibamos se está *cheio* de alguma *realidade* que não podemos captar.

Não sei se existo porque experimento diretamente minha existência. Mas essa *experiência* tem duas faces: eu me sinto existindo, mas me dou conta de que poderia não existir. Existo, mas não sou *causa* de mim mesmo. Sinto-me um *ser*, mas não um *ser absoluto*. Como o pássaro que voa, sinto-me *pairando na existência*, mas ao mesmo tempo sinto que não me sustento por mim mesmo. *Sou sustentado?* Por pouco sincero que seja comigo mesmo, sinto que minha existência está relacionada à OUTRA REALIDADE que me serve de suporte. Sou como a luz de uma lâmpada elétrica: existe, mas deixaria de existir se a desconectarmos.

O que é esta OUTRA REALIDADE?

Não sei. Somente a sinto como um *buraco* em minha existência. E é precisamente este oco que sinto em mim que me permite não me sentir *pesado*, *maciço*, *opaco*, *sozinho*... É como uma janela que me livra de ficar fechado em mim mesmo. É sentir que o centro de mim mesmo está *fora de mim*, como nos namorados. Estar enamorado: sentir que o centro da própria vida está na pessoa amada, fora de si mesmo. Então a própria vida torna-se comunhão, diálogo, relação...

De fato, cada pessoa que se faz presente em nossa vida, se a aceitarmos e nos “abrimos” a ela, cria em nós como que um “vazio” que nos permite acolhê-la. E aqui está o início de tudo: na PRESENÇA DO OUTRO.

Como me situo ante a *presença do outro*? Se me situo com um coração aberto e acolhedor, é como um *buraco* em minha vida, e esta se torna prolongada, dialogante, comunicativa... Também se faz *criativa*: crio a mim mesmo como um *tu* ante o outro, e ajudo o outro a *criar-se* como um *tu* diante de mim. Em troca, se ante o outro me situo com um coração fechado, minha vida se mantém opaca, e a presença do outro gera em mim um desejo de dominá-lo ou de utilizá-lo ou de incorporá-lo *a meu mundo* ou, se não, de excluí-lo de todo.

Jean Paul Sartre dizia que “os outros são o Inferno”, que sua liberdade marca o limite da nossa. Mas é exatamente o contrário: não posso ser livre sem a presença do outro ou dos outros. É sua *presença* que cria em mim um “buraco”, um “espaço livre” onde pode nascer minha liberdade.

Sartre “demonstrava” a não existência de Deus, dizendo que, se Deus existisse, sua Liberdade seria tão *absoluta* que ninguém mais poderia ser livre. Segundo ele, nossas pequenas *liberdades* “demonstram” que não existe nenhuma Liberdade Absoluta. Sartre era coerente em sua maneira de pensar. Era-o também quando deduzia disso a radical solidão de todo ser humano.

Mas esse raciocínio contradiz nossa experiência mais direta. Vivemos *convivendo*. Os outros são nosso horizonte de possibilidade. Nossa liberdade não acaba onde começa a dos outros. Ao contrário: somente a presença dos outros pode nos oferecer um *espaço para a liberdade*, para “existir” (*ex-sistere*), para “con-viver”.

Pode-se passar dos outros ao OUTRO (Deus)? *Racionalmente*, não; porque sentimos os outros, mas não sentimos o OUTRO. Em troca, *existencialmente*, na medida em que entramos em uma situação de diálogo

e de comunhão com os outros e com o mundo, *intuímos* que a “existência esburacada” não é uma peculiaridade exclusiva de cada um de nós. Quando viajamos de avião, se alguém tiver medo de que ele caia, de nada lhe servirá agarrar-se fortemente ao assento, porque o perigo, em todo caso, é de *tudo o conjunto que paira no ar*. Assim também nós, na medida em que estivermos conscientes de formar um só mundo, nos daremos conta de que é *tudo o conjunto* que o está formando. É todo nosso mundo que se sustenta na existência apesar de *não se sustentar por si mesmo*. Assim, pois, somos sustentados, não obstante nossa incapacidade de conhecer quem nos sustenta. Existencialmente, a *abertura para os outros* nos leva ao OUTRO, desconhecido.

É possível estarmos abertos aos outros e não irmos ao encontro do OUTRO? *Racionalmente*, sim. É possível respeitar os outros, e inclusive dar por eles a vida, sem falar de “Deus” e negando todo o conteúdo real desta palavra. Contudo, *existencialmente*, a autêntica *abertura* aos outros vai sempre mais além de sua realidade concreta. Respeitar realmente os outros inclui a atitude de respeitá-los mesmo que fossem diferentes do que são. Na realidade concreta de cada *outro*, respeitamos *todos os demais*. Em cada *outro* concreto, respeitamos o OUTRO, desconhecido.

Mas também é possível que alguém diga que “crê em Deus” sem estar realmente *aberto aos outros*. Isto significaria ter ele feito um “Deus” para sua medida, a fim de legitimar ou dissimular seu fechamento.

Seria um “ídolo”. Na linguagem de nossa pequena história seria um Deus “tapa-buracos”.

Quando uma pessoa diz: “Não creio em Deus”, sinto ternura por ela, porque imagino como sua vida deve ser pesada e opaca. E gostaria de poder lhe dizer: “*Pois, eu creio em Deus*”, *sim*, e *o sinto como um “vazio” dentro de mim que me permite ser leve, transparente, aberto, livre, dialogante*...

É possível que o companheiro ateu responda que também ele se sente *leve, transparente, aberto, livre, dialogante*... Então, eu saberia que ambos estamos fazendo uma experiência muito parecida, apesar da palavra “Deus”. A dele a exclui como ídolo “tapa-buracos”, e eu a exclui como ídolo “tapa-buracos”, e eu a experimento, a acolho e me alegro com ela como “buraco” em minha existência. “Deus” é uma palavra de conteúdo variável. Segundo a linguagem e a *atitude profunda* de cada um. Se torna sábio o mandamento: *Não tomarás o nome de Deus em vão!*